

RELIGIÃO E POLÍTICA: Imigração Judaica para o Estado do Amapá

Eneida Damasceno Borges de Sá

Mestranda em História da Universidade Federal do Amapá-PPGH UNIFAP. Pesquisadora do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES)
eneida-damasceno@hotmail.com

José Ferreira de Almeida

Licenciado em História pela Universidade Federal do Amapá.
jose2012his@gmail.com

Carlos Alberto Viana Marques

Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal do Pará, Especialista em História e Historiografia da Amazônia pela Universidade Federal do Amapá, Professor História da Universidade Federal do Amapá.

Marcos Vinicius de Freitas Reis

Professor da Universidade Federal do Amapá. Professor Permanente dos Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História e Mestrado Acadêmico em História Social pela UNIFAP. Líder do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES).
marcosvinicius5@yahoo.com

Resumo

Durante centenas de anos os povos de origem judaica, sofreram os mais variados tipos de perseguição, tendo que se aventurar nos mais distantes lugares, e escolhendo o comércio como meio de driblar as dificuldades. Em meio a isso, esta pesquisa tem por objetivo fazer um levantamento à cerca da presença de famílias de origem judaica no comércio de Macapá nos primeiros anos pós criação do Território Federal do Amapá, entre os períodos de 1943 a 1956. Através de entrevistas, fontes bibliográficas e imagens capturamos testemunhos fragmentados que constituem a história de uma nação, destacamos os judeus porque a história deste povo, no decorrer dos séculos, demonstra como sofreram todo tipo de perseguição, exclusão e preconceito forçando-os, desta forma, a tornarem-se peregrinos por diversas partes do mundo, porém, em diversas localidades, destacaram-se como exímios negociadores. Sabendo-se que a migração e a participação deste povo no comércio amazônico tiveram origem juntamente com a abertura dos portos às nações amigas, e com a ascensão do comércio da borracha, os primeiros imigrantes judeus adentraram a floresta amazônica, permanecendo na região do interior amazônico até o declínio da economia gomífera. Os resultados mostraram que parte destas famílias, que se instalaram em Macapá, são descendentes destes primeiros imigrantes que vieram, principalmente, do Marrocos para a Amazônia, e fixaram-se nas cidades de Belém e Manaus, migrando em número menor para a

cidade de Macapá, e por aqui dominaram o comércio antes mesmo da criação do TFA.

Palavras-chave: Religião e Amazônia. Imigração e Judeus. Campo Religioso Amazônico.

RELIGION AND POLITICS: Jewish Immigration to the State of Amapá

Abstract

For hundreds of years the peoples of Jewish origin, suffered the most varied types of persecution, having to venture into the most distant places, and choosing commerce as a means of circumventing the difficulties. In the midst of this, this research aims to survey the presence of families of Jewish origin in the Macapá trade in the first years after the creation of the Federal Territory of Amapá, between the periods from 1943 to 1956. Through interviews, sources bibliographic and images capture fragmented testimonies that constitute the history of a nation, we highlight the Jews because the history of this people, over the centuries, shows how they suffered all kinds of persecution, exclusion and prejudice, thus forcing them to become pilgrims from different parts of the world, however, in different locations, stood out as excellent negotiators. Knowing that the migration and participation of these people in Amazonian trade originated together with the opening of ports to friendly nations, and with the rise of the rubber trade, the first Jewish immigrants entered the Amazon rainforest, remaining in the interior of the Amazon until the decline of the Gomí economy beast. The results showed that part of these families, who settled in Macapá, are descendants of these first immigrants who came, mainly, from Morocco to the Amazon, and settled in the cities of Belém and Manaus, migrating in smaller numbers to the city of Macapá, and here, commerce dominated even before the creation of TFA.

Keywords: Religion and the Amazon. Immigration and Jews. Amazonian Religious Field.

Introdução

Da mesma forma como ocorreu em vários momentos da história do Brasil, os judeus, ora perseguidos, ora liberados, tiveram atuação marcante na diversidade cultural da Amazônia. No Amapá, já se verifica a presença judaica no final do século

XIX, mas, é a partir da sua transformação em território federal que esta presença se tornou marcante e, transformada em objeto de estudo deste trabalho.

Esta pesquisa tem por objetivo fazer um levantamento sobre a presença de famílias descendentes de judeus e da cultura judaica em Macapá, que migraram, principalmente, de Marrocos nos primeiros anos pós criação do Território Federal do Amapá, entre os períodos de 1943 a 1956. Nossos objetivos específicos são verificar o processo de criação e implantação do Território Federal do Amapá e a participação das famílias judaicas nas atividades socioculturais da região, compreender os motivos que provocaram a migração dos judeus marroquinos para a Amazônia e entender como o povo judeu resistiu há diversas perseguições e antissemitismo, enfrentando o preconceito étnico e religioso.

O trabalho apresentará de forma primária as referências bibliográficas envolvendo o tema, como também, recortes de jornais, imagens, entrevistas e blogs, que serão essenciais para analisar a cultura judaica no Amapá. Neste sentido, o trabalho é uma contribuição para a historiografia local, pois existem pouquíssimas pesquisas científicas a respeito do tema proposto, e através deste trabalho podemos entender o processo de desenvolvimento sociocultural dos hebraicos em Macapá, a partir da criação do Território Federal do Amapá.

A hipótese construída tem como norte a importância histórica da presença judaica no Amapá a partir das atividades comerciais desenvolvidas por estas famílias. As condições históricas que levaram essas pessoas a migrarem para o Amapá e a sua inserção na dinâmica econômica do recém-criado TFA. O recorte temporal escolhido justifica-se pelo fato de, nesse período, a cidade de Macapá ter passado por um acelerado processo de expansão urbana e populacional, o que, necessariamente, produziu diversas demandas, entre elas, aquelas ligadas ao setor comercial e, aí temos a presença dessas famílias atuando neste setor.

Para isso o trabalho analisa o processo de criação e implantação do TFA e a participação das famílias judaicas no incremento da atividade comercial na cidade de Macapá. As famílias que para cá vieram, as condições que produziram sua chegada, suas atividades comerciais desenvolvidas e a sua importância na própria construção da história do comércio local.

Os principais autores utilizados foram o autor Samuel Benchimol que será a base para a presente pesquisa, pois é o pioneiro nos estudos sobre judeus na Amazônia, Sidney Lobato será fundamental para entendermos a dinâmica e constituição do Território Federal do Amapá, Eidorfe Moreira realiza um exame socioeconômico da comunidade judaica, Anita Novinsky traz fontes inéditas sobre os judeus no Brasil, auxiliaram na elaboração do capítulo.

A pesquisa tem sua relevância na necessidade de se valorizar o papel desempenhado por esses grupos familiares que até os dias atuais ainda são atuantes no comércio dessa cidade. Vale também ressaltar a enorme carência de produções historiográficas referentes a este tema, o que cria uma reserva de importância para a presente pesquisa e abre caminho para novos estudos sobre os judeus no comércio do Amapá.

A criação do território do Amapá e a presença judaica no comércio de Macapá.

A instituição de Territórios federais, no início do século XX, foi um plano político e econômico do governo federal, para proteger e ocupar as regiões fronteiriças do Brasil, que constantemente foram palco de disputas internacionais. Não podemos esquecer que a criação do território federal do Amapá foi planejada no contexto da segunda guerra mundial¹. Segundo Porto (2005) “A criação dos territórios teve como ideia central organizar economicamente esta área, implantar núcleos de poder governamental, para impedir a invasão do território por estrangeiros, e estimular uma política de ocupação.”

Contudo, devemos destacar que as medidas governamentais não levaram em consideração o modo de vida da população local. O governo propagava que antes da criação do Território não existia nada na região, além de um número irrelevante de pessoas, espalhadas em meio à extensa floresta amazônica. “Os apologistas do pensamento nacionalista autoritário afirmavam que o atraso da Amazônia derivava:

¹ Inserindo-se no contexto da 2ª guerra mundial, sob a justificativa de “defesa nacional”, o Amapá apresentava-se de importância estratégica para a força aérea norte-americana, onde foi construída uma base aérea no município do Amapá em 1941, cuja função era abastecer os aviões norte-americanos que se destinavam a África e Europa e para o patrulhamento da costa norte do Brasil, no intuito de proteger militarmente esta zona de fronteira de possíveis invasões (PORTO, 2005, p. 11994).

da presença rarefeita do homem nesta imensa região, e da secular submissão deste homem em relação à natureza” (LOBATO, 2013, p. 32).

Com a criação destes territórios federais², em 1943, o Governo Federal inicia seu projeto nacionalista. A Amazônia era vista como uma região inóspita e distante, e para integrá-la à nação era necessário povoar e urbanizar estas regiões. “Nas franjas do mundo modernizado, em diferentes momentos históricos, o Estado tem aparecido como o principal indutor destes processos” (LOBATO, 2013, p. 10).

Estes planejamentos ocorreram no período do Estado Novo, de 1930 a 1945, que foi marcado pelo nacionalismo, centralização política e preocupação do governo com as regiões de fronteiras do Brasil. Assim, a criação de territórios era uma das soluções para povoar o norte do país e utilizar o discurso de “Modernização” das cidades, na região Amazônica.

Nesse período, a soberania territorial brasileira havia sido alcançada, praticamente todos os limites territoriais estavam devidamente delimitados, mas a modernidade ainda era um ideal anunciado e a nacionalização o caminho para que o país alcançasse esse objetivo (SILVA, 2007, p. 43).

A urbanização da cidade de Macapá ocorreu em um quadro político que viabilizava a chegada do “progresso” e da modernidade no Amapá. Inúmeras mudanças ocorreram na estrutura da urbe no período da administração de Janary Gentil Nunes, então governador do Território Federal do Amapá, no período de 1944 a 1956. Assim, prédios públicos foram construídos, escolas, hospitais, rádio, entre outros, dando uma nova dinâmica ao espaço urbano da cidade.

Os próceres do governo territorial viam na urbanização macapaense um claro indicativo de que o Amapá estava acordando para o progresso. As mudanças na paisagem desta cidade eram divulgadas nas páginas do jornal Amapá, através de fotografias com a legenda “Macapá Moderna” (LOBATO, 2013, p. 36, grifo do autor).

²A criação do território federal do Amapá (em 13 de setembro de 1943) e a instalação nele do governo territorial (em 25 de janeiro de 1944) eram apresentadas como marcos inaugurais de um novo e auspicioso tempo na história dos habitantes da Guiana brasileira. O primeiro governador do Amapá Janary Gentil Nunes tentou a todo custo difundir entre os amapaenses uma narrativa histórica na qual a sua posse simbolizava o fim de um período de pessimismo, abandono, caos, atraso, doenças, analfabetismo, superstição, pobreza e invisibilidade. Iniciava agora um luminoso momento de otimismo, patriotismo, progresso em todos aspectos socioeconômicos (LOBATO, 2013, p. 12).

Em meados do século XX o crescimento e o desenvolvimento de cidades, tanto por causa do processo de industrialização e da constituição do aparelho estatal em algumas regiões, resultaram em grandes fluxos migratórios, como ocorreu no Território do Amapá. “Os núcleos urbanos na Amazônia se tornaram fatores de atração de fluxos migratórios, base da organização do mercado de trabalho e lugar da ação político-ideológica com vistas ao controle social” (TRINDADE, 2005, s/p.).

Desta forma, a criação do Território Federal do Amapá proporcionou o aumento significativo da população local, muitos migrantes se deslocaram para a região, principalmente nordestinos e paraenses, para trabalhar, geralmente, na construção civil, e alguns estrangeiros. Indivíduos de outras nacionalidades como japoneses, Judeus, sírios e libaneses ocuparam respectivamente pequenas propriedades rurais e lojas comerciais. Os japoneses vieram para trabalhar na agricultura, algumas famílias foram alocadas no Mazagão, além de Guatemaltecos que também chegaram ao Amapá para trabalhar na lavoura. (SOUZA, 2016)

As colônias agrícolas também faziam parte dos planos de modernização do Estado e de controle social, o então presidente Getúlio Vargas, considerava a agricultura como um dos principais meios de colonização a ser integrado nas metas de valorização e ocupação da Amazônia, muitas famílias de outras nacionalidades vieram para trabalhar na agricultura no antigo TFA.

No século XIX e no começo do século XX houve um forte crescimento nos movimentos imigratórios da Europa e do Japão para o Novo Mundo. Grandes levas populacionais deixaram seus países principalmente por razões econômicas: redução da produção agrícola, fome, grandes deslocamentos internos provocados pelo turbulento início da industrialização e da urbanização. O período foi também marcado por guerras, perseguições políticas e religiosas (BLAY, 2008, p. 29).

No final do século XIX e início do XX muitos Judeus marroquinos migraram para a Amazônia, a maioria fugindo da crise ocorrida no Marrocos, perseguição religiosa e atraídos pela exploração da borracha na região. Deste modo, a Amazônia se transformaria na nova Canaã dos Judeus (BENCHIMOL, 1998).

Embora os Judeus estivessem fugindo de todo tipo de perseguição, Heller (2010) destaca que não foram apenas os motivos citados por Benchimol que

impulsionaram a emigração dos Judeus para a Amazônia, muitos, enfatiza o autor, vieram apenas fazer fortuna e voltar para a sua terra natal. A imigração dos Judeus marroquinos para a América seguiu os mesmos objetivos das demais imigrações de diversas etnias como: liberdade religiosa, direitos civis e busca de fortuna, porém, não apenas a fortuna material e sim o bem-estar familiar (HELLER, 2010).

Apesar das perseguições os Judeus se destacavam em diversas profissões no espaço urbano, principalmente no ramo dos negócios, como comerciantes e banqueiros, e emprestando dinheiro a juros. Por causa destas atividades ganharam diversos estereótipos negativos, porém, devemos desmistificar que eram movidos apenas pelo dinheiro, na verdade, era desta forma que conseguiam sobreviver, nem um outro direito lhes era dado, como por exemplo possuir terras, mesmo porque estavam em países estranhos, sofrendo todo tipo de exclusão.

Na grande maioria, estavam “enclausurados” nas cidades, desde os tempos dos portugueses no Marrocos (século XVI), impedidos que eram de possuir terras. Dessa forma, como na Idade Média na Europa, o espaço urbano foi, por excelência, o espaço dos judeus, pobres ou ricos, durante muitos séculos (HELLER, 2010, p. 50, grifo do autor).

Como já citado no capítulo anterior os Judeus imigraram para a Amazônia, principalmente, após a “independência do Brasil³”, além de já conhecerem ou ter laços familiares com pessoas no país.

A abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional e a posterior independência política do nosso país, se não provocaram correntes imigratórias desde logo para a Amazônia, não deixaram, porém, de criar condições favoráveis para isso. Os primeiros imigrantes hebraicos que se estabeleceram por esse tempo na região eram de origem marroquina, figurando Marrocos desde então como o principal centro de irradiação israelita para o nosso meio (MOREIRA, 1972, p. 15).

Essas medidas, abrem caminho para que uma elevada leva de migrantes Judeus viessem se aventurar na Amazônia, principalmente no Grão-Pará e Amazonas. “Depois da Guezerá⁴ (sentença maldita) da Ibéria, do Gheinam (inferno) de Marrocos,

³A constituição Imperial de 1824 reconheceu a igreja católica como a religião oficial do estado, porém, permitiu à outras religiões que fizessem o culto doméstico ou particular em casas sem forma, alguma, exterior de templo, neste momento surgem as primeiras sinagogas no país. (BENCHIMOL, pg. 58, 1998).

⁴Decreto, decisão do tribunal ou sentença proferida" ou " uma proibição, restrição. RAIGORODSKY, Diego. **O Talmude Babilônico e o estabelecimento da lei:** uma exposição dos métodos hermenêuticos empregados pelos

a Amazônia, por volta de 1810, quando se iniciou a emigração dos Judeus para o Grão-Pará e Amazonas, surgiu como o “Gan-Eden, o Jardim do Paraíso, a Terra da Promissão” (BENCHIMOL, 1998, p. 67).

Depois de mais de mil anos de perseguição e sofrimento os Judeus, enfim buscam a paz na “Eretz Amazônica”. O sonho de uma pátria prometida, que trouxesse não somente, sossego, mas também sucesso, alimentava o sonho do judeu marroquino a se aventurar no mais longínquo lugar de origem.

A navegação do exterior ajudou a trazer os judeus marroquinos para a Amazônia e a navegação interior os levou para os confins da região, em busca de trabalho e da fortuna. Levando sempre a sua família para vencer a solidão do fim do mundo, e chamando novos parentes e aderentes de Tetuan e Tanger e das terras dos forasteiros, para formar uma *kheilá* e um *ishuv*- uma comunidade onde pudessem fazer uma sinagoga e obter *minian* (quórum de 10 judeus) para poderem rezar e cumprir os deveres e as tradições dos seus antepassados”(BENCHIMOL, 2008, p. 63).

Os Judeus marroquinos, juntamente com outros Judeus de diversas partes do mundo ao chegarem por aqui, não foram tão hostilizados quanto aconteceu ao longo de milhares de anos.

Na Amazônia, embora tenham ocorrido alguns conflitos entre a comunidade local e os judeus, o ambiente não era hostil como em outros lugares onde os judeus foram vítimas de perseguições. Desta maneira, os judeus eram vistos mais como uma solução para o melhoramento do povo da Amazônia e não um atraso tal como os mestiços e negros. Logo se integrando na elite branca, se reconhecendo e sendo conhecido como tal (LINS, 2010, p.18).

Devido a cor da pele, os judeus mesmo historicamente discriminados, eram mais aceitos na sociedade amazônica, pois na visão preconceituosa da sociedade da época estavam ligeiramente à frente dos índios e mestiços. De acordo com Mesquita (2005), o poder econômico sempre esteve ligado a figura do judeu, e isso os gerava inveja e cobiça desde séculos passados, causando muitas vezes o confisco dos seus bens por parte dos governantes, e aqui essa imagem de usurpador aliado ao estereotipo de esperteza figurava no imaginário popular.

sábios hamoraítas. Dissertação- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo- São Paulo, 2015.

A figura do Judeu está intimamente associada no imaginário popular ao sucesso financeiro assim como a qualidades menos nobres como avaréza, usura, exploração, agiotagem, penhor de objetos, malvadeza etc. Na verdade o judeu, como em todo mundo procurava a prosperidade econômica e financeira exercendo para isso qualquer atividade. O comércio de miudezas, o chamado armarinho, parecia exercer atrativo especial entre os que estavam começando a vida. Seja com sua maletinha vendendo de porta em porta ou como mascate de regatão subindo e descendo os rios oferecendo sua mercadoria, a figura do judeu estava presente [...] (MESQUITA, 2005, s/p.).

Alguns descendentes de Judeus residentes na região amazônica tornaram-se políticos, comerciantes e regateiros. Assim, nas primeiras décadas do século XX o major Moisés Eliezer Levy, filho de Moisés Isaac Levy judeu comerciante de borracha na Amazônia que veio do Marrocos e fixou-se em Belém, casou com Esther Levy Benoliel, dedicando-se ao comércio criou em Belém a firma comercial E. Levy & Cia-Comissões e Consignações, resguardando sua cultura judaica.

Após alguns anos mudou-se para Macapá como intendente do município de Macapá, que na época fazia parte do estado do Pará, construiu o trapiche Eliezer Levy, a ponte era o local de embarque e desembarque de cargas e passageiros, e o mercadinho 2 de julho que ficava ao lado do Macapá Hotel (Moisés Eliezer Levy, <http://montorilaraujo.blogspot.com.br>).



Figura 1: Trapiche Eliezer Levy
Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com



Figura 2: Major Eliezer Levy
Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com

Entretanto, muitos descendentes de Judeus abandonaram a religião judaica, e conservaram apenas o sobrenome hebraico, como foi o caso de alguns integrantes das

famílias de sobrenome Levy. “Nomes sagrados aos israelitas como Levy e Cohen, famílias de sacerdotes do Templo de Israel ficaram isolados no grande “hinterland” amazônico, alguns casando com não judias e não Judeus e conservaram sua identidade judaica somente no sobrenome” (PECHER, 2010, p. 17)

Os Judeus ao chegarem a Amazônia, no início do século XIX, constituíram suas moradias nas regiões interioranas, mascateando os mais diversos tipos de produtos. Assim, utilizavam o regatão para deslocar-se para os mais distantes locais da região amazônica.

Alguns se estabeleciam nas capitais, nas cidades e nos vilarejos ao longo da grande calha do rio Amazonas fundando Armazéns e casas comerciais que forneciam roupas, comestíveis, remédios e outros utensílios em troca de castanha, borracha, sementes oleaginosas, frutas e outros artigos extraídos da grande floresta que eram trazidos pelos nativos. Muitos mascateavam pelos rios em embarcações, comprando o extrativismo e vendendo produtos adquiridos em Belém e Manaus. Esses pioneiros enviavam ajuda financeira para suas famílias no Marrocos. Alguns retornavam para suas famílias após algum tempo, sendo que a maioria ficava morando nos vilarejos às margens dos rios da grande Bacia Amazônica durante muitos anos, acabando por se miscigenar com a população nativa, cabocla e com outros imigrantes aqui chegados. (PECHER, Minha Sinagoguinha, blog: portal Amazônia judaica).

Segundo Cambraia (1998) os regatões estabeleciam a organização e abastecimento de produtos alimentícios, materiais de construção, como também tinham o papel de correio, pois traziam recados e notícias dos habitantes que moravam em localidades afastadas da cidade de Macapá.

[...] O "Levy III" pertenceu a Samuel Levy, filho de Isaac Moisés Levy e da amazonense Cândida Ferreira Gato. Os Levy do Amazonas são parentes dos outros Levy procedentes de Tânger, no Marrocos. Samuel Levy também era proprietário do Bar Panorama. Ele aparece na proa do barco (ARAÚJO, 2012, www.nilsonmontoril.blogspot.com.br)



Figura 3: Regatão Levy III
Fonte: nilsonmontoril.blogspot.com.br

As práticas sociais dos regateiros instituíaam todas as amplitudes da vida cotidiana, estabelecidas entre os sujeitos do período. Apesar de a atividade ser essencialmente comercial, o regatão está constituído de sentimentos, valores e costumes que demonstram a interação entre os habitantes da região amazônica (CAMBRAIA, 2008). Geralmente Judeus e sírio-libaneses dominavam estas atividades comerciais marítimas que há muito tempo era monopolizada pelos portugueses.

Os judeus foram os primeiros regatões da região. Com suas embarcações, batelões e igarités, levavam mercadorias para vender nos distantes seringais em troca de borracha, castanha, bálsamo de copaíba, sorva, balata, ucuquirana, peles e couros de animais silvestres e outros gêneros regionais de exportação. Eles desafiavam o grande poder e o monopólio dos aviadores (comércio de venda a crédito para o interior, no vocabulário amazônico) portugueses e dos coronéis de barranco cearenses e nordestinos, que constituíaam as elites dominantes que fechavam os rios e eram os donos da praça para que o seu monopólio de comércio fosse mantido (BENCHIMOL, 1998, p. 81).

Devemos destacar que alguns comerciantes Judeus chegaram aqui antes do Amapá se tornar um território, como foi o caso da família Zagury formada por Judeus sefaraditas, vindas do Marrocos, que migraram para a região no final do século XIX, estabelecendo-se no ramo dos negócios. Deste modo, uma das primeiras casas de comércio foi a casa Leão do Norte, destacada nos recortes de jornal da época, que vendia tecidos, artigos de presentes e mercearia.

A família Zagury no Amapá é referência, tanto histórica quanto econômica. Os Zagury chegaram ao Estado a partir de Leão Zagury (1864-1930) e Sarah Roffé Zagury, os patriarcas que chegaram do Marrocos em 1879, iniciando atividade de regatão entre Macapá, Bailique e Mazagão. Em 1889 Leão monta a casa Leão do Norte. (RODRIGUES, 2017, s/p.)



Imagem 4: Capitão Leão Zagury e Sarah Roffe Zagury
 Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com

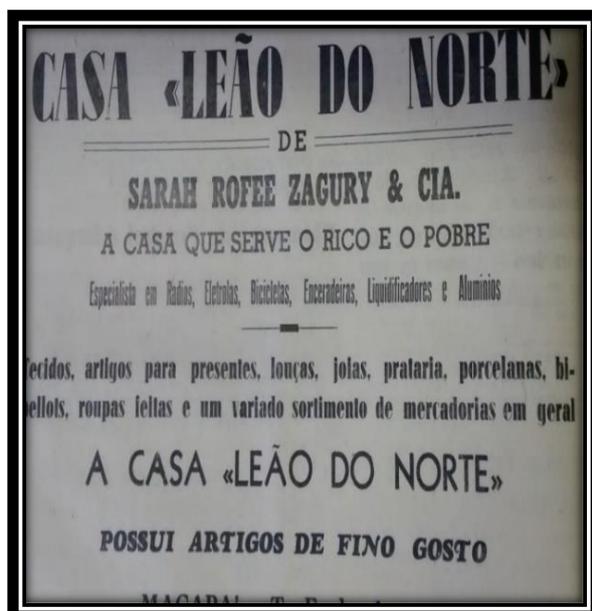


Figura5: Propaganda Casa Leão do Norte
 Fonte:porta-retrato-ap.blogspot.com



Figura.6:Inauguração da Drogaria Zagury
 Fonte:porta-retrato-ap.blogspot.com

Em um discurso ao Memorial Amapá no ano de 2015 Abraham Zagury fala de algumas lembranças de infância vividas em Macapá e dos empreendimentos da família de descendência judaica, seu pai Isaac Jaime Zagury e seu tio Moisés Zagury criaram a firma Moisés Zagury e Cia. Ltda., entre as empresas destacamos também a drogaria Zagury, destacada na imagem acima, e a sorveteria Central, também pertencente à família Zagury.

A trajetória da nossa família nesta terra que se iniciou quando um menino de 15 anos fugido da discriminação no Marrocos aqui chegou em 1879 e encontrou a liberdade. Imediatamente declarou que essa era a sua terra e aqui constituiu sua família. Meu avô Leão montou seu estabelecimento comercial, fundou a primeira farmácia e com o padre Júlio Maria Lombard um internato feminino. Viúva muito cedo minha avó Sarah fez às vezes de médico, construtor e enfermeira foi por muitos chamada de Mãe Sarah. Meu pai Isaac e seu irmão Moisés empreendedores ampliaram o estabelecimento comercial, trouxeram para cá a primeira revendedora de automóveis, a representação de uma companhia de aviação e fundaram a primeira fábrica de guaraná o “Flip” de quem muitos temos saudade(O emocionado discurso de Abraham Zagury, blog Alcinea Cavalcante, Macapá-2015).



Figura 8: Fábrica Flip Guaraná
Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com



Figura 8: Sorveteria Central
Fonte: porta-retratap.blogspot.com

A família Bemerguy foi uma das famílias de descendência judaica que também exerceram comércio na cidade de Macapá nas décadas de 1940 e 1950, Naftali Mair Bemerguy trabalhava no IBGE e juntamente com sua esposa Ester Zagury Bemerguy eram donos do armarinho Bemerguy.

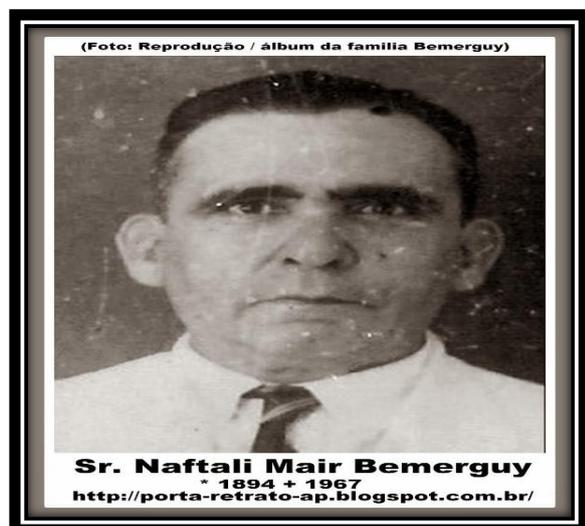


Figura 9: Naftali Mair Bemerguy
Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com



Figura 10: Ester Zagury
Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com

“Naftali Mair Bemerguy, judeu marroquino de Arzila, era o principal interlocutor civil do bispo macapaense Dom Aristides Piróvano para assuntos bíblicos. Chegara na Amazônia com treze anos. Era menino pobre, equipado apenas com a educação fornecida pela escola dos Rotschild. Na sexta feira da paixão o velho Naftali não permitia que em sua casa se ouvisse música no rádio” (Itajaí de Albuquerque, blog: porta-retrato-ap.blogspot.com, 2014).

Na Amazônia os descendentes de Judeus se destacaram, principalmente, no setor econômico, no Amapá não foi diferente. Neste caso, A família Pecher foi uma das famílias de descendência judaica que chegaram por aqui em fins da década de 1940. Segundo Pecher, Nuta Wolf Pecher (conhecido como Nathan) fugiu da Ucrânia entre o período das duas grandes guerras mundiais atravessando o mar Atlântico e o Pacífico, residiu no Peru, em Lima e Iquitos, fundando o primeiro cemitério judaico na região, logo após desceu a calha do Rio Amazonas em um barco a vapor, passou por Manaus.

Mudando-se depois para Belém, seu Nathan casou-se com Syme Zagury, filha de Judeus vindos do Marrocos, o documento referente ao casamento, existe até hoje. O ketubá, é um contrato de casamento hebraico, conforme relato de Arão Pecher, este

documento raríssimo, do início do século XX, foi escrito na região da Ucrânia (nos dias de hoje corresponde a região da România), o documento, além de significar um contrato matrimonial judaico, relata informações a respeito de antepassados da família Pecher e Zagury, que descendem de família rabínica.



Figura 11: Nuta Wolf Pecher e Syme Zagury
Fonte:porta-retrato.ap.blogspot.com



Figura 12: Ketubá-certidão de casamento
Fonte: Arquivo pessoal família Pecher

Em Macapá, seu Nathan dirigiu inicialmente a Sorveteria Central, juntamente com a matriarca da família, Sarah Roffé Zagury, o empreendimento funcionou em um prédio erguido na esquina da rua Cândido Mendes com Av. Mário Cruz, na praça Veiga Cabral, que pertencia à família Zagury. Simão Arão Pecher, filho deste casal que residiu em Macapá no período territorial, relatou em entrevista algumas informações a respeito da dinâmica comercial da região e as principais casas comerciais pertencentes aos hebraicos.

Nasci em Belém (PA) em 10 de janeiro de 1944. Sou filho único do casal Syme Zagury Pecher e Nuta Wolf Pecher (conhecido carinhosamente como Nathan). Com 5 anos de idade fui morar com meus pais em Macapá que era proprietário de lanchonete, casa de sinuca e pequena livraria com revistas em quadrinhos (Café Continental). Minha mãe era especialista em salgadinhos, doces, e bolos fornecendo para a lanchonete e também para as recepções do governo do Amapá. Estudei primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e o ginásio na Escola Normal de Macapá. Além do

meu pai os meus tios Moysés e Isaac Zagury (irmãos da minha mãe) fundaram a firma Irmãos Zagury trabalhando com tecidos, peças de carros, fábrica de Guaraná (o famoso FLIP), loja de bicicleta, e agência da Cruzeiro do Sul (companhia aérea) e distribuição de gasolina. Meu tio Naftali Bemerguy, casado com minha tia Esther, irmã da minha mãe, tinha loja de armarinho. (Simão Arão Pecher, 73 anos).



Figura 13: Prédio do Antigo Café Continental
Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com

Meu pai (Nuta Wolf Pecher) (Z'L) foi o primeiro asquenazi do Amapá ao chegar em 1949 com sua grande família (eu e minha mãe Syme Zagury Pecher (Z'L)) oriundos de Belém do Pará. Os Zagury, os Bemerguy, os Alcolumbre, os Peres, os Benoliel, os Barcessat e os Amar eram todos descendentes de sefaraditas marroquinos que fugiram dos “pogroms” e perseguições, para tentar uma vida melhor no Novo Mundo. (Simão Arão Pecher, 73 anos)

Além das famílias citadas acima, há outros sujeitos de origem judaica que foram pioneiros no comércio de Macapá e chegaram na região no final do século XIX, neste caso a família Peres. Os Judeus Salomão Peres e Syme Gabbay, naturais de Tânger no Marrocos, inicialmente Peres trabalhou como carroceiro, logo depois em 1929 montaram um comércio de secos e molhados que ficava entre os rios vila nova e Matapi, tiveram vários filhos, dentre eles Alegria Gabbay Peres que se casou com Isaac Menahem Alcolumbre. (Sra. Alegria Peres Alcolumbre-Uma pioneira do Amapá, blog: porta-retrato-ap.blogspot.com, 2011)

Os primeiros integrantes da família Alcolumbre que migraram para a Amazônia foram o casal Alberto Alcolumbre e Sarah Brigitte Alcolumbre que vieram de Tânger, no Marrocos, e fixaram-se em Belém. Em 1940 o filho deste casal Isaac Menahem Alcolumbre muda-se para Macapá e após casar-se com Alegria Perez tornou-se sócio de Syme Gabbay na firma Syme & Alcolumbre. Exerceram atividades comerciais, estabelecendo-se, “No comércio de troca de gêneros alimentícios por ouro, pele de animais, óleos vegetais e látex de seringueira. O comércio foi crescendo e deram o nome de Casa Fé em Deus”. (O pioneiro Isaac Menahem Alcolumbre, blog: porta-retrato-ap.blogspot.com, 2011).



Figura 14: Isaac Menahem Alcolumbre
Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com

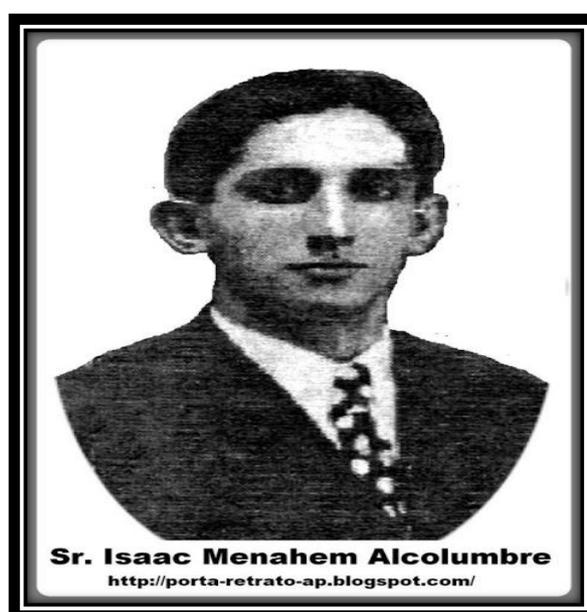


Figura 15: Alegria Alcolumbre
Fonte: porta-retrato-ap.blogspot.com

Outras famílias que também se destacaram no comércio de Macapá, neste período, foram os Houat, família de sírios libaneses que iniciaram sua prática comercial, segundo Rodrigues (2017), como vendedores ambulantes, logo após fundando a Casa Beiruth N'América, referência na venda de móveis e eletrodomésticos na região. Muitos migrantes vieram para cá e fixaram residência. “Esses migrantes estrangeiros fizeram do Amapá sua pátria por adoção, os quais se encontravam em busca de um novo solo pátrio que lhes garantisse, se não o enriquecimento, ao menos, os meios de sobrevivência” (SOUZA, 2016, p. 209).

Considerações finais

O desenvolvimento da presente pesquisa se propôs como objetivo geral fazer um levantamento à cerca da presença e participação de Judeus no abastecimento do comércio de Macapá na primeira década, logo após a criação do Território Federal, citando as famílias que por aqui se destacaram nesse período, e suas contribuições para o comércio local. Em uma época em que a cidade de Macapá e regiões circunvizinha carecia de tudo.

Na região amazônica as famílias judaicas se sobressaíram, principalmente, em meados do século XIX, a partir do apogeu da borracha. Assim, muitos Judeus aventuraram-se como regateiros, ambulantes, comerciantes e trabalhadores na extração do látex. O Brasil tornou-se a nova Canaã deste povo. Muitas famílias judaica-amazônicas, após a crise da economia gomífera, deslocaram-se para áreas urbanas, desta forma, migraram, principalmente, para Belém e Manaus, abandonando suas atividades comerciais exercidas nas regiões de interior, alguns se estabeleceram como negociantes, lojistas e vendedores, na década de 1940 algumas famílias migraram para o TFA.

O estado do Amapá passava por um processo acelerado de urbanização por causa de sua transformação em Território Federal do Amapá, aumentando, desta forma, o número de habitantes na região, entre os diversos imigrantes estavam os Judeus que montaram lojas e casas de comércio no centro de Macapá, e serviam a comunidade local e interioranas dos arredores da capital do território, com os mais variados tipos de utensílios domésticos e produtos de primeira necessidade, além de bebidas e refrigerantes.

Através das fontes, no decorrer da pesquisa, descobriu-se que em Macapá, a maioria destes comerciantes tinham raízes no Marrocos, norte da África. Muitos deles descendiam das primeiras famílias que vieram para a Amazônia, no período da borracha, trabalhar no comércio ribeirinho como regatão, as famílias de hebraicos que vieram para Macapá tinham laços familiares e, geralmente, eram sócios nos negócios, principalmente ligado a comercialização de produtos alimentícios e remédios.

O ódio e o sentimento antissemita, ocasionaram aos Judeus os mais diversos tipos de preconceito e perseguições ao longo de centenas de anos, em todos estes

momentos tiveram seus bens confiscados e foram forçados a usar a estrela de Davi em suas roupas. Suas práticas comerciais e seu sucesso financeiro lhe causaram a fama e o estereótipo de aventureiros, astutos e gananciosos. No entanto, o ramo dos negócios eram sua principal fonte de sobrevivência, pois viviam, geralmente, obrigados a morar em guetos, restringidos.

É importante ressaltar que os Judeus que aqui chegaram na década de 1940 não vieram para a Amazônia fugindo do holocausto, os motivos foram diversos, porém, a situação desses Judeus era a mesma de séculos atrás, em diversos momentos da história deste povo, o preconceito étnico e religioso. Destacamos aqui algumas famílias judaicas que contribuíram na história do Amapá, contudo, vários sujeitos e personagens fizeram parte deste processo, não importa se ricos ou pobres, Judeus de várias partes do mundo refugiaram-se na Amazônia por diversos motivos, perseguição religiosa, pobreza, ou mesmo para fazer fortuna.

Devido a região geográfica, da qual os Judeus se originavam, ao chegarem aqui na Amazônia, acabavam recebendo apenas a dominação de “turcos” pela população local. Aqui em Macapá, se sabe que a maioria eram de Judeus sefaraditas de origem marroquina, porém, há alguns de origem libanesa que não foi possível confirmar se é judeu libanês, devido à falta de documentos que comprovem. Diante disso para o melhor entendimento, e para o enriquecimento da historiografia, se faz necessário um estudo mais detalhado sobre os mesmos.

Portanto, concluímos que o processo de formação histórica da Amazôniarecebeu importante contribuição do povo judeu. Apesar das leis impostas no decorrer dos séculos para segregar e excluir os hebraicos, estes sujeitos resistiram a todo tipo de perseguição. Migraram para diversas partes do mundo e aqui chegaram, alguns com o propósito de fazer fortuna e voltar para suas terras de origem, outros para fixar moradia e contribuir com a economia e a cultura local.

Referências

ALBERTI, v., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

ALMEIDA, Maria Ariadina Cidade. **A imigração judaica no Amazonas**. Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente-Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC, PPGH,2011.

BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia: os Judeus na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 1998.

BLAY, Eva Alterman. Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil. **Tempo Social, revista de Sociologia da USP**. v. 21, N.2 (2009).

BLAY, Eva Alterman. **Judeus na Amazônia**. In SORJ, B. org. Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 25-57.

CAVALCANTE, Alcinéa. **Memorial Amapá- O emocionado discurso de Abraham Zagury**. 15 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.alcinea.com.br>>, acesso em 15 de novembro de 2017.

CORRÊA, Emilio Manuel da Silva. **Judaísmo e judeus na legislação portuguesa: da medievalidade a contemporaneidade**. Universidade de Lisboa-faculdade de letras departamento de história, 2012.

COSTA, Paulo Marcelo Cambraia. **Na ilhargá da Fortaleza, logo ali na Beira, lá tem o regatão: os significados dos regatões na vida do Amapá-1945 a 1970**. Editora: Açai, 2008.

GATAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes**. 2ª edição. Salvador: Editora Pontocom, 2012.

HELLER, Reginaldo Jonas. **Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia-** a imigração dos judeus marroquinos e do norte da África para o Brasil (Pará e Amazonas) durante o século XIX. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LIBERMAN, Maria. **Os “Hebraicos” na Amazônia**. Boletim do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro. Nº 44, junho, 2011.

LOBATO, Sidney da Silva. **A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964)**. Tese. Universidade de São Paulo, 2013.

MESQUITA, MONTORIL, Nilson. **Moisés Eliezer Levy**. Disponível em: <http://nilsonmontoril.blogspot.com>.

MOREIRA, Eidorfe. **Presença Hebraica no Pará**. Belém-PA,1972. Universidade Federal do Pará.

NOVINSKY, Anita. **Os Judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova visão da história.** São Paulo, editora: Planeta do Brasil, 2015.

PECHER, Simão Arão. **Duzentos anos de miscigenação judaica.** Publicado no livro: "1A. ANTOLOGIA AMAZÔNICA" - Coordenador Gaitano -2010 -págs.154 até 159 – Editora: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas. Revista "ARTE REAL"- março-abril de 2012-Ano III - No. 15 - págs. 17 e 18 da Grande Loja Maçônica do Amazonas, e no COMITE ISRAELITA DO AMAZONAS -28.09.2010-Edição Eletrônica 196. Manaus – Amazonas 28 de Setembro de 2010.

PECHER, Simão Arão. **Minha Sinagoga.** Disponível em: <<http://portalamazoniajudaica.org.br>>, acesso em: 10 de julho de 2017.

PORTO, Jadson Luís Rebelo. **Transformações espaciais e institucionais do Amapá: conflitos e perspectivas.** Anais do X encontro de geógrafos da América Latina-20 a 26 de março de 2005-Universidade de São Paulo.

REIS, M. **Política e religião: o envolvimento dos católicos carismáticos na política brasileira.** Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos, 2011

REIS, M. V. F.; CARMO, A. T. O campo religioso amapaense: Uma análise a partir do Censo do IBGE de 2000 e 2010. **Observatório da Religião**, v. 2, p. 175-197, 2015.

REIS, M. V. F.; LOPES, T. Intolerância religiosa: um estudo sobre os casos de intolerância ocorridos no Terreiro de Candomblé Ilê Asé Ibi Olú Fonnim e com seus integrantes na vida social. **Revista Eletrônica Correlativo** v. 16, n. 1 - Junho de 2017.

REIS, M; CARVALHO, J. A Igreja Católica na Amazônia: Diversidade Religiosa e Intolerância. **Revista Observatório da Religião**. v 3, n. 1, 2106

RODRIGUES, Edgar. **Comércio do Amapá- A história.** FECOMÉRCIO-AP, 2017.

SILVA, João Lázaro. **O pioneiro Moises Zagury- O pioneiro Isaac Zagury- Isaac: Um irmão Zagury-Família Zagury recepcionando visitantes ilustres -O pioneiro Isaac Jaime Zagury- Dona Esther Zagury- O velho sobrado da praça da Matriz- A história do Flip guaraná; o primeiro refrigerante do Amapá.** Disponível em: <<http://porta-retrato-ap.blogspot.com>>, acesso em 20 de outubro de 2017.

SILVA, Maura Leal da Silva. **A (Onto) Gênese da nação nas margens do território Nacional: “O projeto janarista territorial para o Amapá (1944-1956) ”.** Dissertação de mestrado apresentado junto a Universidade Católica de São Paulo-PUC.2007.

SMITH, GARVÃO. **Economia e Política na Amazônia brasileira (séculos XIX-XX).** Revista Estudos Amazônicos. Vol. IX, nº 1 (2013) pp. 157-179.

SOMBART, Friedrich Wilhelm Carl Werner. **Os Judeus e a Vida econômica**. Tradução: Nélio Schneider. Editora: UNESP, 2014.

SOUZA, Manoel Azevedo de Souza. **Imagens, Memórias e Discursos: A construção das identidades amapaenses no jornal do Amapá- 1945 a 1968**. Tese de doutorado apresentado a Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2016.

VELTMAN, Henrique B. **Os Hebraicos na Amazônia**. Edição mimeo, Tel-Aviv, Museu da Diáspora (Beth Hatefusot),1983.

Submissão: Jul. 2019
Aprovado: Ago. 2019